

# Filosofia e linguagem em Tomás de Aquino

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela  
Universidade Federal de Mato Grosso.

## 1. *O homem é um ser que esquece*

As mais profundas experiências do homem – de cunho moral, social, cultural, religioso, etc – desvanecem-se e não têm brilho duradouro. Isto ocorre porque o homem é, fundamentalmente, “um ser que esquece”<sup>1</sup>. No entanto, estas agudas experiências não se aniquilam totalmente, mas se embotam e passam a subjazer na linguagem. Não em qualquer linguagem, é bom que se diga, mas na linguagem comum, aquela da qual nos valem para nos comunicarmos no dia-a-dia.<sup>2</sup>

## 2. *A linguagem: “laboratório” do filósofo*

Voltar-se para a linguagem quotidiana não é, como se poderia parecer no primeiro momento, uma atividade superficial para o filósofo. Ao contrário, tal exercício encontra-se dentro da própria essência do filosofar.<sup>3</sup> Com efeito, cabe à filosofia trazer de volta, ou seja, pôr a descoberto, estas experiências fundantes que se encontram submersas na linguagem

---

<sup>1</sup> LAUAND, Luiz Jean. **Antropologia e Formas Cotidianas: Filosofia de Tomás e Nossa Linguagem no Dia-a-Dia**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 33: “(...) o homem é, essencialmente, um ser que esquece!”.

<sup>2</sup> LAUAND, Luiz Jean. **Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper**. LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 131. Dizíamos que para JP, o filosofar parte da experiência, das grandes experiências que o homem tem consigo mesmo e com o mundo. E que - e aí radica a peculiar dificuldade para quem filosofa - essas experiências especialmente densas não têm brilho duradouro na consciência: logo se desvanecem, nos escapam... não que se aniquilem: condensam-se, escondem-se, depositam-se... na linguagem, na linguagem comum, essa que nós mesmos falamos e ouvimos todos os dias.

<sup>3</sup> LAUAND. **Antropologia e Formas Cotidianas: Filosofia de Tomás e Nossa Linguagem no Dia-a-Dia**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 33. “Quando a filosofia se volta para a linguagem comum, não está praticando um procedimento periférico, mas atingindo algo de muito essencial, pertencente ao próprio núcleo da reflexão filosófica.”

comum. Por isso, “A linguagem é assim todo um ‘laboratório’ para o filósofo”<sup>4</sup>. Portanto, o filosofar não consiste em aventurar-se na procura de algo inaudito, mas precisamente na “*des-coberta*” de algo já visto, já ouvido, conquanto esquecido.<sup>5</sup>

### 3. *A etimologia nos informa a respeito da realidade*

Exatamente por isso, a *etimologia – ciência que busca a origem das palavras* – era uma coisa cara aos pensadores medievais. Os autores do período medievo tinham o hábito de começar a analisar uma questão, a partir da raiz *etimológica* de um determinado termo concernente a ela. A intenção não era exibir erudição, mas sim a profunda convicção de que a raiz da palavra poderia informar-nos a respeito da realidade que ela queria expressar.<sup>6</sup>

### 4. *A linguagem expressa o significado de algo ou alguém para nós*

De fato, nós tentamos expressar por meio da linguagem o que as coisas ou as pessoas significam para nós. Desta feita, a palavra tende a ser o único depósito de nossas experiências e intuições da realidade, porque as experiências mesmas, enquanto fatos contingentes, logo se perdem no vazio; tão logo terminam, esvaem-se. Ora, o filosofar constitui o ato de reflexão

---

4 *Idem. Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper*. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 132. E ainda: LAUAND, Luiz Jean. **Isidoro de Sevilha: As Etimologias**. In: **Cultura e Educação na Idade Média**. Org. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 107: “E o filosofar é uma tentativa de lembrar, de resgatar os grandes insights de sabedoria que se encerram na linguagem comum.”

5 LAUAND, Luiz Jean. **A Unidade da Idéia de Homem nas Diferentes Culturas**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 142: “E é por essa mesma razão que os grandes pensadores da tradição ocidental consideravam as descobertas filosóficas, não tanto um deparar-se algo novo ou insólito, mas, precisamente, *des-cobertas*: trazer à tona algo já visto, já sabido, mas que, por essa entrópica tendência para o esquecimento, não permanecera na consciência.”

<sup>6</sup> LAUAND. **Isidoro de Sevilha: As Etimologias**. In: **Cultura e Educação na Idade Média**. Org. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 105: “Ao examinar uma questão qualquer, o autor medieval costumava analisar a etimologia das principais palavras envolvidas na discussão. Não o fazia para ostentar erudição, mas por basear-se na convicção de que a denominação da palavra podia conter em si informações sobre a própria realidade referida.”

pelo qual resgatamos estas experiências basilares, que ficaram como que depositadas, inobstante de forma irrefletida e inconsciente, na linguagem comum.<sup>7</sup>

### 5. O estudo etimológico deve ser crítico

Agora bem, se engana quem pensa que as etimologias eram aceitas de maneira “a-crítica” pelos medievais. Tomás de Aquino, por exemplo, punha-se ante as etimologias criticamente e era capaz de distinguir, nitidamente, a *palavra* do seu *significado*. Desta sorte, para ele, se a *etimologia* nos dá a raiz que liga a palavra ao seu *significado*, o *significado*, em si mesmo, indica a própria realidade à qual a *palavra* se refere.<sup>8</sup>

Ora bem, acontece que nem sempre a etimologia consegue nos levar à realidade da coisa significada pela palavra. Isto porque, em última instância, nem sempre a etimologia da palavra coincide com a realidade que passou a expressar: “A origem de um nome nem sempre corresponde ao que passa a significar”<sup>9</sup>. Exemplo disto acontece com a palavra *pedra* (*lapis*). Tal palavra, segundo a etimologia, procede de *ferir o pé* (*lesione pedis*). Ora, porventura esta etimologia indicaria o significado exato da palavra *pedra*? Decerto que não! Com efeito, o ferro também fere o pé e nem por isso é uma *pedra*. Logo, etimologia e significado não são *sinônimos*. Destarte, nem sempre a etimologia coloca-nos, de forma *imediate*, diante da exata realidade expressa na palavra.<sup>10</sup> Daí que sempre devemos ser cuidadosos, mantendo-nos atentos em relação às etimologias.

---

<sup>7</sup> *Idem. Ibidem.* p. 106 e 107: “(...) de repente intuímos o que é ou o que significa para nós algo ou alguém. Mas essas grandes experiências que o homem tem consigo mesmo e com o mundo, experiências densas, não possuem um brilho duradouro na consciência reflexiva. (...) E o filosofar é uma tentativa de lembrar, de resgatar os grandes insights de sabedoria que se encerram na linguagem comum.”

<sup>8</sup> *Idem. Ibidem.* p. 107 e 108: “Certamente, Tomás não absolutizava a etimologia e trabalhava criticamente sobre as definições de Isidoro: “Uma coisa é a etimologia de uma palavra; outra, seu significado. A etimologia nos dá a raiz pela qual a palavra se liga ao significado; mas o significado diz respeito à própria realidade a que a palavra se refere (...)”.

<sup>9</sup> *Idem. Ibidem.* I, 13, 8, C.

<sup>10</sup> TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001. II-II, 92, 1, ad 2: “Às vezes, o significado atual de uma palavra diverge da sua etimologia. Por exemplo: o termo latino *lapis* significa pedra e origina-se de *laesio pedis*, isto é, lesão do pé, mas não significa isso, do contrário o ferro se ferisse o pé seria pedra.”

## *6. As realidades ganham significado para nós por meio da linguagem*

Contudo, não se pode negar que a linguagem nos ligue mais do que comumente pensamos com a realidade. Sem embargo, a palavra tem uma força capaz de não somente indicar a realidade significada, mas também de produzir em nós pensamentos e sentimentos relacionados com esta realidade, que a tornam mais palpável para nós.

Desta forma, as realidades que não têm nome confundem-se ou coincide-se com as que têm pouca ou nenhuma importância para nós, porquanto, se, por um lado, é pela linguagem que apreendemos e comunicamos, representativamente, as realidades que nos cercam, por outro, só apreendemos e comunicamos aquilo que se nos apresenta como importante. Onde, as realidades para as quais não criamos denominações ou nomenclaturas, ficam como que opacas para nós; incomunicáveis e invisíveis, porque indizíveis. Deste modo, o rico vocabulário que se tem para designar determinadas realidades pode ser um fator preponderante a aferir a importância daquela realidade para nós.<sup>11</sup>

Neste pequeno artigo, o que mais nos interessa é demonstrar por alguns textos de Tomás, que a sua atenção e o seu cuidado com a linguagem não são acentuados com exagero por Pieper e Lauand. Tentaremos verificar, através de vários exemplos, a relevante preocupação que o Aquinate revela ter com a etimologia das palavras.

---

<sup>11</sup> LAUAND. **Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006. p. 134: “A não existência de palavras vivas e vigorosas para expressar realidades fundamentais faz com que essas realidades tornem-se invisíveis para nós. O pensamento e a vida dependem da linguagem muito mais do que à primeira vista supomos. A força viva da palavra não só transmite, mas até produz e preserva, em interação dinâmica, o que pensamos e sentimos. *Sem a palavra, nossa percepção da realidade é confusa ou nem sequer chega a ocorrer.*”

## 7. As etimologias na *Suma Teológica*

### 7.1. Origens dos Termos: medicina e direito

Tomás entende que os nomes nem sempre conservam a sua acepção primitiva, mas passam a significar outras coisas.<sup>12</sup> E nisto podemos também verificar o seu cuidado em perscrutar as origens das palavras sem nenhuma ingenuidade. Por exemplo, o termo *medicina*. Na sua origem, referia-se ao *remédio* dado ao enfermo para curá-lo. Todavia, com o passar do tempo, veio a designar *a arte de curar*.<sup>13</sup>

Processo análogo se deu com a palavra *direito*. De fato, no princípio direito significava a *coisa justa (rem iustam)*. Posteriormente, passou a significar a *arte de conhecer o que é justo (Artem qua cognoscitur quid sit iustum)*. Hoje, esta palavra pode indicar também, o *lugar onde se exerce o direito (locum in quo ius redditur)*. Finalmente, ela torna-se referência para se qualificar a decisão de quem exerce a justiça.<sup>14</sup>

### 7.2. Humildade e soberba

Humildade vem de *húmus*. *Húmus*, a princípio, significa tão-somente: *o que está preso ao que é de baixo*.<sup>15</sup> Não obstante, com o tempo, humildade passou a referir-se a uma espécie de *sanção*, como quando alguém é *rebaixado* por outrem.<sup>16</sup> Entretanto, o mesmo nome pode ainda designar uma virtude. É o que ocorre quando, ciente de suas limitações, alguém se

<sup>12</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Op. Cit.* II-II, 57, 1, ad 1: “Portanto, deve-se dizer que é habitual que os nomes sejam desviados de sua acepção primitiva para significar outras coisas.”

<sup>13</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Assim o termo *medicina*, foi empregado primeiro para designar o remédio ministrado ao enfermo para curá-lo; depois foi aplicado à arte de curar.”

<sup>14</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Assim também, a palavra *direito* foi empregada primeiramente para significar a própria coisa justa; em seguida, estendeu-se à arte de discernir o que é justo; ulteriormente, passou a indicar o lugar onde se aplica o direito (...) finalmente, chama-se ainda direito o que foi decidido por quem exerce a justiça (...)”.

<sup>15</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 161, 1, ad 1: “Portanto, deve-se dizer que como diz Isidoro, ‘humildade equivale a próximo ao húmus’, ou seja, preso ao que é mais baixo.”

<sup>16</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Em primeiro lugar, por um princípio extrínseco, quando, por exemplo, alguém é rebaixado por outrem, e então a humildade tem caráter de castigo.”

considera pequeno.<sup>17</sup> Existe ainda outra razão pela qual somos ditos humildes, mas desta vez num mau sentido. É o que acontece com os homens que não reconhecem a sua dignidade e se comportam como os animais.<sup>18</sup> Já o termo soberba (*surperbia*) indica do ato pelo qual alguém pretende se colocar sobre (*supra*) ou acima daquilo que é. Por isso, o soberbo (*superbus*) é aquele que quer *parecer superior* (*super*) ao que realmente é.<sup>19</sup>

Ora, por estes exemplos, podemos verificar que mesmo quando a etimologia não indica, de forma imediata, a realidade atual que a palavra expressa, ela pode – quando analisada criticamente – mostrar-se intimamente ligada ao seu significado e assim nos revelar facetas desconhecidas da coisa significada. Observemos ainda que, ater-se à etimologia não equivale a alienar-se da *história* para prender-se à *gramática*, já que a análise da palavra implica e supõe duas coisas: primeiro, que a própria palavra quer expressar alguma realidade; segundo, que há de se haver um estudo dos diversos significados que a palavra veio adquirindo ao longo do tempo.

### 7.3. Magnanimidade e honestidade

A magnanimidade (*magnanimitas*), como está a indicar a própria palavra, significa uma alma que se inclina para o que é grande (*magnu*).<sup>20</sup> Agora bem, o que é grande (*magnus*) de modo absoluto são as *honras*.<sup>21</sup> É natural aos homens tenderem para as honras. De modo que aquele que despreza as *honras*, por desprezar as *ações dignas* de *honra*, é digno de censura.<sup>22</sup> No entanto, aquele que despreza as honras no sentido de não lhes dar valor excessivo e de não se dispor a fazer nada de ilícito para consegui-las, é digno de louvor.<sup>23</sup>

---

<sup>17</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Em segundo lugar, por princípio intrínseco. E isso pode ocorrer, às vezes, em bom sentido, quando, por exemplo, alguém, à vista dos próprios defeitos, se considera pequeno (...)”.

<sup>18</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Mas outras vezes, pode ser um mau sentido, quando, por exemplo, “o homem não entende sua dignidade e se compara aos animais insensatos e a eles se assemelha”.

<sup>19</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 162, 1, C: “A palavra ‘soberba’ vem de alguém pretender, por vontade própria, pôr-se sobre aquilo que é, conforme explica Isidoro: ‘O soberbo é assim chamado por desejar parecer superior ao que realmente é; pois, quem quer ir acima do que é, é soberbo’”.

<sup>20</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 129, 1, C: “A magnanimidade, como o próprio nome indica, significa uma alma que tende à grandeza.”

<sup>21</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Ora, as coisas que estão disponíveis para o uso do homem, são os bens exteriores, dos quais certamente o mais elevado absolutamente é a honra.”

A honestidade (*honestas*) é um estado de honra (*honoris status*). Por conseguinte, chama-se honesto (*honestum*), aquilo que é digno de honra (*honore dignum*).<sup>24</sup> Ora, o que é digno de honra no homem, porque o torna bom, é o *ato virtuoso*.<sup>25</sup> Portanto, *honestidade e virtude coincidem-se*. De maneira que, honesto, é o *homem virtuoso*: “Et ideo honestum, ut dicitur quando, in idem refertur cum virtute”<sup>26</sup>.

Nos exemplos acima, verificamos que a análise etimológica não é algo isolado da experiência humana, não nos desvencilha dela. Bem ao contrário, tais análises atingem a própria *natureza humana*. De fato, se *magnânimo* é ter *grandeza de alma* e ter *grandeza de alma*, por sua vez, é *buscar as honras* e buscá-las é aspirar à *prática de atos virtuosos*, posto que se diz que *digno de honra* é o homem que é *virtuoso*, então, temos diante de nós, pelo enlaçamento das análises etimológicas, a própria razão de ser da *práxis* e do *ethos humano*.

Agora bem, o que é a *virtude*, senão a *inclinação* para *agir* de acordo com a razão? Vemos que, a partir da análise da palavra *magnânimo*, chega-se ao seguinte: *magnânimo* é aquele que aspira à vida virtuosa, à prática da virtude, a viver de acordo com a reta razão. *Magnânimo*, enfim, é homem que deseja ser o que ele é. Donde o *magnânimo* não se opor ao humilde. De fato, ser humilde é ser o que somos: nem mais e nem menos. Em uma palavra, ser *magnânimo* é, em última instância, ser humilde. Destarte, aquilo que muitas vezes se encontra em oposição – humildade e grandeza – no irrefletido do dia-a-dia, esclarece-se dentro da reflexão pela crítica etimológica, como duas experiências complementares e inseparáveis. As virtudes de fato se intercalam, uma está anexa à outra, uma concilia-se com a outra.

---

<sup>22</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 129, 1, ad 3: “Mas quem despreza a honra no sentido que não se preocupa em fazer nada daquilo que é digno de honra, este merece censura.”

<sup>23</sup> *Idem. Op. Cit.* “Deve-se dizer que são dignos de louvor aqueles que desprezam as honras a ponto de nada fazerem de inconveniente para as conquistar e de não lhes atribuir nenhum valor excessivo.”

<sup>24</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 145, 1, C: “Como escreveu Isidoro, a honestidade é ‘como um estado de honra’ e, por isso, chama-se honesto o que é digno de honra.”

<sup>25</sup> *Idem. Op. Cit.* “Ora, a honra é devida à excelência, e esta se considera no homem, sobretudo, em relação à virtude (...)”.

<sup>26</sup> *Idem. Op. Cit.* “Por conseguinte, a honestidade, propriamente falando, coincide com a virtude.”

#### 7.4. Prudência e profecia

Por vezes, Tomás parece querer certificar-se da autenticidade ou não da etimologia. Quando trata da palavra “profecia”, vai buscar no grego *fanos*, que significa *aparicção*, a missão do profeta, que, para ele, é aquele que vê o que está longe.<sup>27</sup> E então, e só então, satisfaz-se com a afirmação de Isidoro segundo a qual o profeta é um vidente das coisas ocultas.<sup>28</sup>

Quando investiga à qual das faculdades – *cognoscitiva* ou *apetitiva* – pertence a prudência (*prudentia*), Tomás recorre novamente a Isidoro, para o qual prudente é aquele que vê ao longe.<sup>29</sup> Ora, como a visão não pertence à potência apetitiva<sup>30</sup>, torna-se patente que a prudência é uma virtude da potência cognoscitiva.<sup>31</sup> Deste modo, vemos que questões capitais à ética e à própria antropologia filosófica, começam a ser definidas ou pelo menos no campo das etimologias.

#### 7.5. Alguns termos correlatos

Para definir a *virtude da eubulia*, o Aquinate como que decompõe o termo. “Eu” significa *bem*; “boulé” significa *conselho* ou *deliberação*. Desta maneira, *eubulia* significa o ato de *bem deliberar* ou do *bom conselho*.<sup>32</sup> *Stultitia* (*estultice*) vem de *stupor* (*estupor*) e significa *alguma paralisia repentina*.<sup>33</sup> A *estultice* difere da *fatuidade*, porque indica um *embotamento dos sentidos espirituais*, enquanto a *fatuidade* aponta para uma *privação*

<sup>27</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 171, 1, C: “Por conseguinte, pode-se dizer que a palavra “profeta” vem da palavra grega *fanos*, que significa ‘aparicção’, pois os profetas vêm aparecer as coisas que estão longe.”

<sup>28</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Eis por que, diz Isidoro: ‘no Antigo Testamento os profetas se chamavam videntes, porque eles viam coisas que os outros não alcançavam e contemplavam coisas ocultas no mistério’”. Vale dizer que o objeto deste estudo não é a procedência da etimologia enquanto tal, mas o interesse do autor pela etimologia. No caso, por exemplo, a etimologia é equívoca. Profeta vem de *prophétès*, que indica aquele que fala em nome e no lugar da divindade. Entretanto, como é sugestivo perceber o interesse de Tomás em checar as fontes no grego!

<sup>29</sup> *Idem. Op. Cit.* I-II, 47, 1, C: “Segundo Isidoro ‘prudente significa o que vê ao longe, é perspicaz, vê o desenlace dos casos incertos.’”

<sup>30</sup> *Idem. Op. Cit.*: “A visão não pertence à potência apetitiva mas à cognoscitiva.”

<sup>31</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Por isso é evidente que prudência pertence diretamente à potência cognoscitiva.”

<sup>32</sup> *Idem. Op. Cit.* I-II, 51, 1, C: “De fato, esta palavra é formada de *eu*, que significa *bem*, e de *boulé*, que significa *conselho* ou *deliberação*, como se dissesse *o ato de bem deliberar*, ou antes, *o que aconselha bem*.”

<sup>33</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 46, 1, C: “A palavra *stultitia* (*estultice*) parece vir de *stupor* (*estupor*). Por isso Isidoro disse ‘O estulto é aquele que, por estupor, não se mexe.’”

completa destes.<sup>34</sup> O avesso de ambos é o *sábio*. *Sábio* (*sapiens*) provém de *sabor* (*sapor*) e nos remete àquele que é capaz de distinguir, tal como o gosto distingue o sabor dos alimentos, as *realidades* e as suas *causas*.<sup>35</sup> De forma que, o *fátuo* é aquele que é *desprovido* do *sentido de julgar* e o *estulto* é o que possui a *faculdade de julgar embotada*. Já o *sábio*, finalmente, é aquele que possui tal *faculdade penetrante e afinada*.<sup>36</sup>

De fato, a *prudência*, que é um *ver de longe*, ou seja, uma capacidade de ver todas as coisas em suas *causas últimas*, liga-se à *eubulia*, visto que, é vendo as coisas em suas causas primeiras que nos tornamos capazes de *bem de deliberar* a respeito delas. Ora, aquele que *bem delibera*, porque *vê bem*, é exatamente o *sábio*. De maneira que estas virtudes estão interligadas, numa unidade. Romper esta *conexão* prejudicaria a existência de todas as virtudes.

Observe-se, ademais, que Tomás permanece sempre criterioso com o histórico do termo. Ele não diz, pura e simplesmente, que *sábio* significa *sabor*, mas diz que *sábio* vem de *sabor*. Dito isto, pesquisa em seguida qual seja a razão desta procedência e o que ela nos pode dizer a respeito da realidade expressa pelo vocábulo. Destarte, descobre, por meio de uma analogia com o paladar, que *sábio* é aquele que sabe distinguir – tal como o paladar, o gosto – a *realidade* da sua *causa*, e isto porque é capaz de ver de longe (*prudente*), e, *ipso facto*, capaz de *bem deliberar* a respeito das coisas (*eubulia*). De modo que a etimologia serve para evidenciar a *conexão* existente entre as virtudes, bem como a interdependência entre elas.

## 7.6. *Inteligência e especulação*

Tomás, ao tentar verificar se a *inteligência* é ou não um *dom* do Espírito Santo, procura, antes de tudo, definir esta palavra. Desta feita, que *inteligir* significa um *ler por dentro*: “dicitur enim intelligere quasi intus legere”<sup>37</sup>. Por isso, a *inteligência*, diferentemente dos sentidos que se reportam às qualidades exteriores do objeto, é a *faculdade* pela qual lemos

---

<sup>34</sup> *Idem. Op. Cit.*: “A estultice difere da fatuidade, como se diz no mesmo lugar, por comportar um embotamento do coração e obscurecimento dos sentidos, enquanto a fatuidade implica uma total privação do sentido espiritual.”

<sup>35</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Com efeito, diz Isidoro, ‘sábio’ (*sapiens*) vem de *sabor* (*sapor*) porque, assim como o gosto é capaz de distinguir o sabor dos alimentos; assim também o *sábio* é capaz de discernir as realidades e as causas.”

<sup>36</sup> *Idem. Op. Cit.*: “O *fátuo* é desprovido do sentido de julgamento; o *estulto* tem este sentido mas embotado, enquanto o *sábio* o tem sutil e penetrante.”

<sup>37</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 8, 1, C: “(...) *inteligir* é algo como *ler dentro*.”

o que há de mais íntimo na coisa, qual seja, a sua essência.<sup>38</sup> Já *especulação* (*speculantes*) deriva de espelho (*speculum*). Ora, ver um objeto como por um espelho (*speculum*) é o mesmo que conhecer a *causa* pelo seu *efeito*, pois o *efeito reflete a causa*. Desta sorte, *especular* é tentar conhecer a *causa* pelo *efeito*, que é a sua *imagem*.<sup>39</sup>

Novamente vale ressaltar a “mútua colaboração” entre as virtudes. Se *sábio* é aquele que conhece as coisas em suas causas primeiras, ele só o é porque, antes, possui a *virtude de especular* corretamente, isto é, de conhecer as *causas* nos seus *efeitos*. E não é só. Esta causalidade na qual nos adentramos pela *especulação* só diz respeito à *realidade*, e não a *quimeras*, porque somos *inteligentes*, isto é, porque somos capazes de *captar o real* na sua *essência*.

De fato, para que toda esta estrutura não se reduza a um mero *nominalismo*, ela precisa ser, antes de qualquer coisa, fundada na inteligência, que é a faculdade que nos torna capazes de apreender a essência da coisa, o que a coisa é. Por isso, o fundamento de todo o organismo das virtudes, aquilo que lhe dá unidade e sentido, é a *inteligência*, conceito fundante de uma *filosofia do ser*. Ademais, vale lembrar que todo este *entrelaçamento* que nos levou ao conceito *basilar de inteligência* fora percorrido a partir de uma criteriosa *filosofia da linguagem*.

Entretanto, vale dizer ainda que, conquanto a nossa inteligência atinja a essência das coisas, ela não a esgota. Por isso, tomada em seu conteúdo exaustivo, a essência das coisas permanece desconhecida para nós, porquanto não podemos exaurir a sua cognoscibilidade. Logo, o *nome* pelo qual nós expressamos *o que as coisas são* não nos diz tudo sobre ela. E é por isso também que uma mesma realidade pode ser de diversos modos, e em diferentes línguas e culturas, nomeada de maneira distinta.<sup>40</sup> De fato, ao contrário de Deus, que tudo expressou numa Palavra, as nossas palavras precisam multiplicar-se, já que elas só expressam fragmentariamente as realidades que significam.<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> *Idem. Op. Cit.*: “E isso é claramente manifesto a quem considerar a diferença entre inteligência e sentidos. Com efeito, o conhecimento sensitivo ocupa-se das qualidades sensíveis exteriores; o conhecimento intelectual, porém, penetra até a essência da coisa.”

<sup>39</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 180, 3, C: “Além disso, ‘especulação’, segundo a Glosa de Agostinho, vem de ‘speculum’ (espelho) (...). Ora, ver um objeto num espelho significa ver a causa pelo efeito, onde se reflete a sua imagem.”

<sup>40</sup> LAUAND. **Antropologia e Formas quotidianas - a Filosofia de Tomás Subjacente e nossa Linguagem do Dia-a-Dia**. pp. 34 e 35: “(...) não podemos expressar o que as coisas são, na medida em que não sabemos completamente o que elas são. Além do mais, muitas vezes, uma palavra acentua originariamente só um dentre os muitos aspectos que a realidade designada oferece. E pode ocorrer que, com o passar do tempo, essa realidade mude, evolua substancialmente a ponto de perder a conexão com o étimo da palavra, que permanece a mesma.”

<sup>41</sup> *Idem. Ibidem.* p. 34: “Nossas palavras, freqüentemente, só alcançam fragmentariamente - Tomás usa o advérbio *divisim* - a realidade, que é complexa, que supera, de muito, a capacidade intelectual humana. Aliás, é de Tomás a aguda observação de que ‘filósofo algum jamais chegou a esgotar sequer a essência de uma mosca’.

### 7.7. Crueldade e ferocidade

Crueldade (*crudelitas*) vem de *cruetia* (*cruditate*).<sup>42</sup> Os cruéis (*crudelis*) são aqueles que, embora tendo motivos para punir, não têm medida ao fazê-lo.<sup>43</sup> Já a ferocidade (*feritatis*) recebe este nome pela semelhança que os que possuem este vício têm com as feras (*ferarum*).<sup>44</sup> Diferentemente dos cruéis, os ferozes punem, não visando à culpa, mas ao prazer de ver o sofrimento alheio.<sup>45</sup> São ditos bestiais por se assemelharem às feras, que parecem agredir os homens sem motivo.<sup>46</sup> O cruel, pune visando à culpa, mas se excede na maneira de punir, porquanto não se deixa regular por nada.<sup>47</sup> Como podemos ver, toda esta perspicaz análise dos atos humanos, o Aquinate a faz partindo da etimologia das palavras.

### 7.8. As etimologias na moral sexual tomásica

Pudicícia (*pudicitiae*) vem de pudor (*pudore*), que indica vergonha. Daí que a pudicícia se ocupa daquelas coisas que causam mais vergonha aos homens.<sup>48</sup> Ora, nada é mais vergonhoso aos homens do que os atos sexuais.<sup>49</sup> Logo, a pudicícia trata de tudo o que se

Ao contrário de Deus, que expressa tudo num único Verbo, ‘nós temos de expressar fragmentariamente os conhecimentos em muitas e imperfeitas palavras.’”

<sup>42</sup> TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, 159, 1, C: “Crueldade é palavra que parece derivada de *cruetia*. (Dicendum quod nomen *crudelitas* a *cruditate* sumptum esse videtur.)” (O parêntese é nosso).

<sup>43</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 157, 1, ad 3: “Por isso, diz Sêneca, ‘chamam-se cruéis os que têm motivos para punir, mas não têm medidas no fazê-lo.’”

<sup>44</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 159, 2, C: “Os termos ‘sevícia’ e ‘ferocidade’ vêm da semelhança com as feras, também chamadas sevas, pois esses animais atacam os homens para se alimentarem com sua carne e não o fazem por alguma causa justa, cuja consideração se refere unicamente à razão.”

<sup>45</sup> *Idem. Op. Cit.*: “(...) a ferocidade ou sevícia é atribuída aos que, ao punirem alguém, não visam à culpa da pessoa, mas só ao próprio prazer do sofrimento alheio”. Em outro lugar, Tomás precisa que os que gostam de castigar sem motivos aos seus semelhantes, se assemelham às feras, por não terem o natural sentimento de amor, que todo homem deve ter por outro homem: *Idem. Op. Cit.* II-II, 157, 1, ad 3: “E quanto aos que gostam de castigar os outros, mesmo sem motivo, pode-se chamá-los de selvagens ou ferozes, por não terem aquele sentimento humano pelo qual o homem ama naturalmente o homem.”

<sup>46</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Trata-se, é claro, de uma bestialidade, pois esse prazer não é humano, mas de feras.”

<sup>47</sup> *Idem. Op. Cit.*: “A crueldade, ao contrário, visa à culpa daquele que é castigado, mas se excede no modo de punir.”

<sup>48</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 151, 4, C: “‘Pudicícia’ vem de ‘pudor’, ou seja, vergonha. Por essa razão, deve a pudicícia, propriamente, ocupar-se com aquilo que mais vergonha causa nos homens.”

refere aos atos sexuais. Por exemplo: os olhares, os beijos e os toques dizem-se impudicos quando lhes falta pudor, ou seja, quando causam vergonha ou constrangimento.<sup>50</sup>

Virgindade (*virginitatis*) parece derivar de verdor (*virore*).<sup>51</sup> Ora, o vegetal, para conservar o seu “verdor”, deve ficar longe do calor excessivo. Logo, deve-se dizer que virgem é que aquele se mantém imune ao calor da concupiscência que se acende, sobretudo, no ato sexual.<sup>52</sup> Portanto, virgindade, etimologicamente, procede de verdor. Todavia, o que esta palavra quer significar é evidentemente algo mais do que verdor. Desta feita, Tomás articula a procedência etimológica desta palavra a um dado teológico que lhe parece corresponder, a saber, o da concupiscência. E ele o faz mediante uma comparação: assim como o vegetal, para manter-se verde, deve ficar longe do calor, assim, também, o homem, para manter-se virgem, deve fugir do fogo da concupiscência. Desta sorte, ocorre a junção entre a etimologia e um dado cultural e religioso da maior relevância.

Adultério (*adulterium*), indica o próprio termo, designa “acesso ao leito alheio” (*accessus ad alienum torum*).<sup>53</sup> Por isso, o adúltero peca duas vezes: primeiro, contra a castidade, por se deitar com uma mulher com quem não está unido em matrimônio; segundo, contra o bem da geração humana, pois pode prejudicar a educação da prole alheia.<sup>54</sup>

Em todos estes exemplos percebe-se a nítida distinção que Tomás faz entre a etimologia da palavra e o seu significado. Entretanto, se é verdade que distingue é também verdade que não opõe. Pudicícia vem de pudor, que remete vergonha. Contudo, o significado desta palavra não é pura e simplesmente qualquer ato vergonhoso. Com efeito, pudor significa aquele gesto de decoro e recato em que o casal se deve colocar quando das suas relações conjugais. Entretanto, dito isto, pode-se questionar: o que vincula a etimologia e o significado da palavra? Deve-se dizer que Tomás os liga por meio de uma aguda análise antropológica. De fato, enquanto a etimologia da palavra pudicícia evoca vergonha, a antropologia nos revela que o que mais causa vergonha ao homem é o sexo.

<sup>49</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Ora, eles se envergonham, sobretudo, dos atos sexuais, a tal ponto que, como diz Agostinho, o próprio ato conjugal, que se reveste da honorabilidade do matrimônio, não está isento desse sentimento de vergonha.”

<sup>50</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Por isso, a pudicícia tem, propriamente, como matéria, as coisas sexuais e todos os sinais delas, como os olhares impudicos, os beijos e os toques.”

<sup>51</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 152, 1, C: “‘Virgindade’ parece derivar da palavra que significa ‘verdor’”.

<sup>52</sup> *Idem. Op. Cit.*: “E assim como se diz que está verde e conservando o seu verdor o vegetal que não se crestou no calor excessivo, assim também a virgindade implica, na pessoa que a tem, estar imune ao calor da concupiscência, que parece haver na consumação do mais intenso prazer corporal, ou seja, o prazer sexual.”

<sup>53</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 154, 8, C: “Como o próprio vocábulo sugere, adultério é ‘acesso ao leito alheio’.”

<sup>54</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Nisso peca-se duplamente contra a castidade e contra o bem da geração humana. Primeiro, pelo comércio carnal com uma mulher com que não se está unido pelo matrimônio, como seria necessário, para o bem da educação da própria prole. Segundo, pelo comércio carnal com uma mulher unida a outro matrimônio, impedindo assim o bem da prole alheia.”

## 7.9. As etimologias em teologia

### 7.9.1. Artigo (*articuli*)

A palavra artigo, por exemplo, vem do grego *arthron*, que, em latim, corresponde a *articulus*, que, por sua vez, indica ajustamento entre partes distintas.<sup>55</sup> Tomás cita exemplos sugestivos: as partes do corpo que ligam os membros entre si são chamadas de articulações (*articuli*).<sup>56</sup> Na gramática grega, chamam-se de artigos (*articuli*) as partes da oração que estão ligadas às palavras para exprimir-lhes o sentido preciso.<sup>57</sup> Na retórica latina, os artigos (*articuli*) ajustam uma parte da oração à outra.<sup>58</sup> Daí a razão pela qual no credo cristão, as verdades de fé serem designadas e distribuídas por artigos, pois, ao mesmo tempo em que são verdades distintas, estão também articuladas umas com as outras.<sup>59</sup>

Novamente podemos perceber a pedagogia de Tomás nos seus dois movimentos distintos: primeiro, o dado etimológico enquanto tal: *articulus* é a união de partes distintas; depois, a reunião entre a etimologia e o aspecto fisiológico vinculado a ela: articulação é aquela parte do corpo que liga um membro ao outro. Conclui-se, enfim, dizendo que, em teologia, artigo indica o fato de as diferentes verdades cristãs estarem ligadas umas às outras. Donde a razão de tais verdades serem divididas por artigos.

---

<sup>55</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 1, 5, C: “A palavra artigo parece derivar do grego, pois, *arthron* em grego, corresponder ao latim *articulus* e significa um certo ajustamento de partes distintas.”

<sup>56</sup> *Idem. Op. Cit.*: “E, por isso, as partes do corpo, ligadas umas às outras, são chamadas de articulações dos membros.”

<sup>57</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Semelhantemente, a gramática grega chama de *artigos* a certas partes da oração ajustadas a outras palavras para exprimir-lhes o gênero, o número e o caso.”

<sup>58</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Do mesmo modo na retórica, os artigos são certos ajustamentos das partes.”

<sup>59</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Por isso, se diz que as verdades da fé cristã se distinguem em artigos, porque se dividem em partes que têm alguma articulação entre si.”

### 7.9.2. Infidelidade (*infidelitas*)

A infidelidade (*infidelitas*) pode ser entendida de dois modos. Primeiro, a infidelidade como uma negação. “*In*” é “não” e “*fidei*” é “fé”. Logo, *infiel* (*infidelis*) é aquele que *não tem fé*.<sup>60</sup> Porém, a infidelidade pode ser entendida também como a recusa em se prestar ouvidos à fé, ou até mesmo como rejeição a ela.<sup>61</sup> Ora, propriamente falando, é nisto que consiste a *infidelidade*. E, sob este aspecto, ela passa a ser um pecado.<sup>62</sup> Por aqui percebemos, uma vez mais, como Tomás não para na etimologia da palavra, que indica apenas uma negação, mas percebe as nuances que ela sofre com o tempo e o novo sentido que ela adquire na cultura cristã: uma oposição positiva e direta à fé.

### 7.9.3. Santidade

A santidade pode ser considerada sob dois aspectos, um dos quais é a *pureza*. Este significado provém do termo grego *ágios*, que, etimologicamente, significa *sem terra*.<sup>63</sup> Contudo, santidade parece indicar também *firmeza*. Tanto que, para os antigos, *santas* (*sancta*) eram as coisas estabelecidas por *lei* e que não podiam ser violadas. Daí que se chama sancionado (*sancitum*) o que foi estabelecido por lei.<sup>64</sup> Considerando os latinos, a palavra “santo” (*sanctus*) nos remete imediatamente “tinto de sangue” (*sanguine tinctus*). Ora, o tinto de sangue é um símbolo da pureza, pois os antigos, quando desejavam se purificar, eram *tingidos* com o *sangue das vítimas*.<sup>65</sup>

Nesta análise, observamos que o Aquinate não se contenta com uma etimologia; na verdade, ele busca as raízes etimológicas da mesma palavra em várias culturas, exatamente

<sup>60</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 10, 1, C. “Primeiramente, no sentido de pura negação, e assim se diz que infiel é aquele que não tem fé.”

<sup>61</sup> *Idem. Op. Cit.* “De outro modo, a infidelidade pode ser entendida, no sentido de oposição à fé, porque se recusa a prestar ouvidos à fé ou mesmo a despreza (...).”

<sup>62</sup> *Idem. Op. Cit.* “E nisso está propriamente a noção de infidelidade. E nesse sentido a infidelidade é pecado.”

<sup>63</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 81, 8, C: “A santidade considera-se de duas maneiras: a primeira, como pureza. Neste sentido, corresponde ao termo grego *ágios*, quase no sentido etimológico de *sem terra*.”

<sup>64</sup> *Idem. Op. Cit.* “A segunda, como firmeza. Por isso, para os antigos, *santas* eram as coisas estabelecidas por leis que não podiam ser violadas; por isso se diz *sancionado* o que está estabelecido por lei.”

<sup>65</sup> *Idem. Op. Cit.* “Entre os latinos, *santo* implica pureza, significando este nome ‘tinto por sangue, porque antigamente os que desejavam purificar-se eram tintos no sangue das vítimas’, segundo Isidoro.”

por acreditar que uma palavra isolada nunca esgota a realidade significada. É necessário sempre se voltar para outras culturas, para outras formas de se expressar uma mesma realidade, se se quiser enriquecer um pouco mais a análise, a fim de se deparar com novas facetas de uma única realidade. De fato, se, por um lado, a etimologia indica a proveniência do significado, por outro, exige um levantamento histórico que considere o aspecto multicultural e pressuponha, destarte, que o real possa sempre ser mais aprofundado, visto que ele é inesgotável para nós.

Ora, isto leva Tomás, neste caso em especial, a concluir que o termo santidade, enquanto remete à purificação e à obediência à lei, identifica-se com o conceito de religião, pois é pela purificação e obediência a Deus que o homem se *religa* a Ele: “Assim, pela santidade, o espírito humano se entrega com os seus atos a Deus. Logo, essencialmente, religião e santidade não se distinguem”<sup>66</sup>.

#### 7.9.4. *Devoção (devovendo)*

Devoção (*devovendo*) vem de *devovendo*, que significa *dedicar, entregar*.<sup>67</sup> Donde se chamam devotos (*devoti*) aqueles que se entregam (*devovent*) por inteiro a Deus, a Ele submetendo-se totalmente.<sup>68</sup> Entre os gentios, chamavam-se devotos (*devoti*) aqueles que se entregavam à morte em honra dos ídolos.<sup>69</sup>

É de se levar em conta como a etimologia abre um espaço no pensamento de Tomás, para uma perspectiva altamente comprometida com as diferentes formas de cultura. Termos tão caros aos cristãos como santidade e devoção, fazem-no retornar aos umbrais do paganismo onde também encontra uma contribuição significativa para se compreender melhor o fenômeno religioso.

Por exemplo, se santidade significa submissão à lei e purificação, torna-se assim também uma forma de entrega à divindade, um modo de dizer que pertencemos a Deus, que

---

<sup>66</sup> *Idem. Op. Cit.*

<sup>67</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 82, 1, C: “Devoção deriva do termo latino *devovendo* (dedicar, entregar em português).”

<sup>68</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Por isso, são chamados de devotos aqueles que de modo especial dedicam-se a Deus, submetendo-se totalmente a Ele.”

<sup>69</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Por esse motivo é que antigamente entre os gentios eram chamados devotos aqueles que se entregavam à morte em honra dos ídolos para a vitória do seu exército, como narra Tito Lívio a respeito dos dois Décios.”

tudo é dom dEle e que, quando lhe dedicamos a nossa vida, nada mais fazemos senão lhe devolver o que Ele mesmo nos concedeu. E assim, santidade, devoção interligam-se no bojo de um mesmo fenômeno: a religião. Ora, toda esta riqueza de dados começa pela pesquisa da etimologia das palavras nas mais diferentes culturas.

### 7.9.5. *Capital (capitale)*

Capital (*capitale*) vem de cabeça (*capit*).<sup>70</sup> Ora, a cabeça é o membro do animal que é princípio e coordena todos os outros.<sup>71</sup> Doravante, passou-se a designar por cabeça todos os princípios e todos os homens que dirigem os outros.<sup>72</sup> Da mesma forma, chama-se *pecado capital*, aquele que é princípio e que dirige os demais: “(...) assim, chama-se pecado capital o princípio e o que tem a direção dos outros”<sup>73</sup>.

### 7.9.6. *Discórdia, cisma e escândalo*

Contender (*contendere*) é tender (*tendere*) contra alguém.<sup>74</sup> Enquanto a *discórdia* (*discordia*) implica numa contrariedade de vontades (*contrarietatem in voluntate*), a contenda (*contentio*) nos remete a uma oposição de palavras (*contrarietatem in locutione*).<sup>75</sup> Cisma (*shismatis*) procede de cisão de ânimos (*scissura animorum*).<sup>76</sup> Ora, a cisão (*scissio*) se opõe à unidade (*unitati opponitur*), pois cindir indica corte.<sup>77</sup> De sorte que os cismáticos são aqueles que se opõem à unidade, cortando os seus vínculos com ela.<sup>78</sup>

---

<sup>70</sup> *Idem. Op. Cit.* I-II, 84, 3, C: “Capital vem de cabeça.”

<sup>71</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Ora, a cabeça, no sentido próprio, é um membro do animal que é o princípio e que tem a direção de todo o animal.”

<sup>72</sup> *Idem. Op. Cit.*: “A partir daí, metaforicamente, todo princípio chama-se cabeça, e também os homens que dirigem os outros e os governam são ditos cabeça dos outros.”

<sup>73</sup> *Idem. Op. Cit.*

<sup>74</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 38, 1, C: “Disputar significa levantar-se contra alguém.”

<sup>75</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Por isso, enquanto a discórdia implica uma oposição na vontade, a disputa implica uma oposição nas palavras.”

<sup>76</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 39, 1, C: “Segundo Isidoro, chamou-se com o nome de cisma ‘a cisão de ânimos’”.

<sup>77</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Ora, a cisão opõe-se à unidade.”

<sup>78</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Por isso se diz que o pecado de cisma se opõe diretamente e por si à unidade”

*Scandalon* pode ser traduzido por *passo em falso*, *queda* ou *lesão do pé*.<sup>79</sup> De resto, por vezes acontece que no caminho encontramos algum obstáculo que nos faz cair. Ora, este obstáculo é chamado escândalo enquanto é causa do nosso tropeço.<sup>80</sup> A partir daí, desta etimologia, Tomás infere, através de uma analogia metafórica, que no caminho espiritual muitas vezes nos encontramos diante de conselhos e exemplos que nos arrastam para o pecado. Aqueles que nos dão estes exemplos e conselhos são para nós causa de escândalo, isto é, de tropeço ou de queda.<sup>81</sup>

## 8. Conclusão

Percorremos assim alguns dos mais importantes tratados da *Suma Teológica*. Outros exemplos do mesmo teor poderiam preencher ainda muitas páginas. Todavia, tal procedimento se tornaria cansativo e ultrapassaria o nosso objetivo. Não queríamos senão mostrar a importância da linguagem para o desenvolvimento do pensamento tomasiano. Buscamos demonstrar o acento que o Frei de Roccasecca concede para o aspecto etimológico das palavras e como tal procedimento está presente na maioria das questões tratadas na *Suma*.

Nos mais diversos assuntos, o “método” de ensino de Tomás é sempre o mesmo: elaborar a resposta a uma questão a partir da etimologia das palavras mais ligadas a esta questão. Ora, sabemos que toda *Suma* é dedicada aos principiantes em teologia, visando a facilitar a aprendizagem deles.<sup>82</sup> Agora bem, concluímos que Tomás não encontra forma mais simples de facilitar o ensino e aguçar a memória dos seus iniciantes do que a partir da análise etimológica das palavras-chaves de uma dada questão.

---

<sup>79</sup> *Idem. Op. Cit.* II-II, 43, 1, C: “Segundo Jerônimo, ‘podemos traduzir o grego *scandalon* por passo em falso, queda ou lesão do pé’.”

<sup>80</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Com efeito, acontece por vezes que apareça um obstáculo no caminho e, tropeçando nele, alguém se exponha a cair. Este obstáculo é chamado escândalo.”

<sup>81</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Da mesma forma acontece que, no decurso de um caminho espiritual, as palavras e as ações do outro exponham à queda espiritual na medida em que este outro, por seus conselhos, suas sugestões ou seu exemplo, arraste ao pecado. É isso o que se chama de escândalo propriamente dito.”

<sup>82</sup> *Idem. Op. Cit. Prólogo da 1ª Parte*: “O doutor da verdade católica deve não apenas ensinar aos que estão adiantados, mas também instruir os principiantes, segundo o que diz o Apóstolo: ‘Como a criancinhas em Cristo, é leite o que vos dei a beber, e não alimento sólido’. Por esta razão nos propusemos nesta obra expor o que se refere à religião cristã de modo mais apropriado à formação dos iniciantes.”

## **BIBLIOGRAFIA**

LAUAND, Luiz Jean. **Antropologia e Formas Cotidianas: Filosofia de Tomás e Nossa Linguagem no Dia-a-Dia**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.

\_\_\_\_\_. **Isidoro de Sevilha: As Etimologias**. In: **Cultura e Educação na Idade Média**. Org. Luiz Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Método e Linguagem no Pensamento de Joseph Pieper**. LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.

\_\_\_\_\_. **A Unidade da Idéia de Homem nas Diferentes Culturas**. In: LAUAND, Luiz Jean. **Sete Conferências Sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: ESDC, 2006.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad. Aimom - Marie Roguet et al. São Paulo: Loyola, 2001.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.